

Autor:
Leandro Gomes de Barros

UMA VIAGEM AO CÉU



FOLHETARIA CORDEL
2010

Autor:

Leandro Gomes de Barros

**UMA VIAGEM
AO CÉU**

Uma vez eu era pobre
Vivia sempre atrasado
Botei um negócio bom
Porém vendi-o fiado
Um dia até emprestei
O livro do apurado.

Dei a balança de esmola
E fiz lenha do balcão
Desmanchei as prateleiras
Fiz delas um marquêsão
Porém roubaram-me a cama
Fiquei dormindo no chão.

Estava pensando na vida
Como havia de passar
Não tinha mais um vintém
Nem jeito pra trabalhar
O marinheiro da venda
Não queria mais fiar.

Pus a mão sobre a cabeça
Fiquei pensando na vida
Quando do lado do céu
Chegou uma alma perdida
Perguntou: era o senhor
Que aí vendia bebida?

Eu disse que era eu mesmo
E a venda estava quebrada
Mas se queria um pouquinho
Ainda tinha guardada
Obra de uns três garrafões
De aguardente imaculada.

Me disse a alma: eu aceito
E lhe agradeço eternamente
Moro no céu, porém lá
Inda não entra aguardente
São Pedro inda plantou cana
Porém perdeu a semente.

Bebeu obra de três contas
Ficou muito satisfeita
Disse: aguardente de cana
Imaculada direita
Isso é o que chamo bebida
Esta aqui ninguém enjeita!

Perguntei: alma quem és?
Disse ela: tua amiga
Vim te dizer que te mude
Aqui não dá nem intriga
Quer ir para o céu comigo?
Lá é que se bota barriga.

E lá subi com a alma
Num automóvel do vento
Então a alma me mostrava
Todo aquele movimento
As maravilhas mais lindas
Que existem no firmamento.

Passamos no purgatório
Tinha um pedreiro caiando
Mais adiante no inferno
Tinha um diabo cantando
E a alma de um ateu
Preso num tronco apanhando.

Afinal cheguei no céu
A alma bateu na porta
Com pouco chegou São Pedro
Que andava pela horta
Perguntou-lhe: esta pessoa
Inda é viva ou já é morta?

Então a alma respondeu:
É viva, estava no mundo
Não tinha de que viver.
Está feito um vagabundo
Lá quem não for bem sábio
Passa fome e vive imundo.

São Pedro aí perguntou:
O mundo lá como vai?
Eu aí disse: meu santo
Lá filho rouba do pai
Está se vendo que o mundo
Por cima do povo cai.

Eu ainda levava um resto
Da gostosa imaculada
Dei a ele e ele disse:
-Aguardente raciada
E aí me disse: Entre
Aqui não me falta nada.

Arrastou uma cadeira
E mandou eu me sentar
Chamou um criado dele
Disse: -cuide em se arrumar
Vá lá dentro e diga a ama
Que bote um grande jantar.

Quando acabei de jantar
O santo me convidou
Disse: vamos lá na Horta
Fui lá, ele me mostrou
Coisas que admiravam
E tudo me embelezou.

Vi na horta de São Pedro
Arvoredos bem criados
Tinha pés de plantações
Que estavam carregados
Pés de libras esterlinas
Que já estavam deitados.

Vi cerca de queijo e prata
Na lagoa da coalhada
Atoleiros de manteiga
Mata de carne guisada
Riacho de vinho do porto
Só não tinha Imaculada.

Pratas de quinhentos réis
Eles lá chamam caipora
Botavam trabalhadores
Para jogar tudo fora
Esses níqueis de cruzados
Já nascem de hora em hora.

Então São Pedro me disse:
Quero fazer-lhe um presente
Quando você for embora
Quero dar-lhe uma semente
Você vai mesmo escolher
Aquela mais excelente.

Deu-me dez pés de dinheiro
Alguns querendo brotar
Filhos de queijo do reino
Já querendo safrejar
Uns caroços de brilhantes
Pra eu na terra plantar.

Galhos de libras esterlinas
Deu-me cento e vinte pés
Deu-me um saco de semente
De cédulas de cem mil réis
Deu-me maniva de prata
E diamante umas dez.

Aí chamou Santa Bárbara
Esta veio com atenção
São Pedro aí disse a ela:
Eu quero uma arrumação
Este moço quer voltar
Arranje-lhe uma condução.

Bote cangalha num raio
E a sela num trovão
Veja se arranja um corisco
Pra ele levar na mão
Porque daqui para a terra
Existe muito ladrão.

Eu descí do céu alegre
Comigo não foi ninguém
Passei pelo purgatório
Ouvi um barulho além
Era a velha minha sogra
Que dizia: Eu vou também.

Eu lhe disse: minha sogra
Não a posso conduzir
Ela me disse: -Eu lhe mostro
Porque razão ei de ir
E se não for apago o raio
Quero ver você seguir.

Nisso o raio se apagou
Desmantelou-se o trovão
O corisco que trazia
Escapuliu-me da mão
E tudo quanto eu trazia
Caiu desta vez no chão.

Aí a velha voltou
Rogando praga e uivando
Quando entrou no purgatório
Foi se mordendo e babando
Dizendo tudo de mim
Lançando fogo e falando.

Bem dizia meu avô
Sogra nem depois de morta
Fede a carniça do corpo
A língua da alma corta
Não diz assim quem não viu
Uma sogra em sua porta.

Eu vinha com tudo isso
Que o santo tinha me dado
Mas minha sogra apanhou
O diabo descuidado
Fiquei pior do que estava
Perdi o que tinha achado.

E quando cheguei em casa
A mulher quase me come
Ainda pegou um cacete
E me chamou tanto nome
Disse que eu me casei com ela
Para matá-la de fome

Se não fosse minha sogra
Eu hoje estava arrumado
Mas ela no purgatório
Achou tudo descuidado
Abriu a porta e danou-se
Veio deixar-me encaiporado.

Nunca mais voltei ao céu
Para falar com São Pedro
E ainda mesmo que possa
Não vou porque tenho medo
Posso encontrar minha sogra
E vai de novo outro enredo.

Uma Viagem ao Céu, de Leandro Gomes de Barros, retoma uma temática cultivada desde a Idade Média que é a da viagem a um lugar imaginário onde escorre leite e mel. Trata-se da conhecida viagem ao país da cocanha, nome que entre nós não pegou. No folheto de Leandro, o céu é o destino do poeta e é na horta de São Pedro o local do paraíso em que o poeta experimenta um mundo de fartura:

Vi cerca de queijo e prata
Na lagoa de coalhada
Atoleiros de manteiga
Mata de carne guisada
Riacho de vinho do porto
Só não tinha a Imaculada.

Cerca de 50 anos depois da publicação de *Uma Viagem ao Céu*, Manoel Camilo dos Santos publica sua *Viagem a São Saruê*, um clássico da literatura de cordel, que descreve um país imaginário caracterizado pela fartura, honestidade e riqueza. A condição social do pobre está na base do sonho, da utopia que está posta neste tipo de obra. E em Leandro, destaca-se também o bom-humor, a crítica social e sua velha birra com a personagem da sogra.

(Hélder Pinheiro – Campina Grande, setembro de 2010)



FOLHETARIA CORDEL

Rua João Samuel da Costa, 13
Timbaúba - PE / CEP.: 55870-000
Fones: (81) 3631-0321 / 8503-9858
marceloalvessoares@yahoo.com.br
marcelosoares.org



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átilda Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).